



# política, psiquiatria do desenvolvimento e resiliência: breves fissuras em notas para abolição do regime do castigo<sup>1</sup>

*salete oliveira*

## nota 1

Nunca se falou tanto em se matar a fome do mundo. E as múltiplas misérias e violências redimensionadas permanecem aí. Já vai longe e continua perto o tempo de distribuição da sopa dos pobres. Este prato-pasto líquido e pastoso. Este vômito ao avesso. Entretanto, hoje, não é só aos famélicos que isto se dirige. Está-se diante da razão oportuna para bocas disponíveis à continuidade da prevenção geral redimensionada. Querem nos fazer crer que para a existência da vida é preciso que cada um se forme e se configure em uma perpétua boca que não morda. Existência vegetativa.

Nunca se falou tanto em investir na vida das futuras gerações, e agora, a partir de governos voltados ao cha-

*Salete Oliveira é pesquisadora no Nu-Sol, professora no Departamento de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Contato: peemanki@yahoo.com.br.*



mado desenvolvimento da primeira infância, que passa a ser demarcada entre a gestação e os primeiros cinco anos de vida, sob a alegação de prevenir a formação de crianças e jovens antissociais. Adequação para uma existência vegetativa. Está-se diante da continuidade do regime do castigo que se inicia por corpos tenros sobre os quais autoridades de toda ordem metem mãos e olhos, desfiles de compêndios, inumeráveis índices, códigos novos, revistos e reformados, fármacos estabilizadores, incontáveis instrumentos de medição que vão dos fetos aos jovens, e que se escancara naqueles que se encontram cumprindo as denominadas medidas socioeducativas aplicadas aos chamados infratores, cujo ápice se situa nos meninos e meninas encarcerados.

E do almejar a ausência da mordida chega-se à perseguição da vida sem luta. Obstinação em extirpar de cada um os rastros, gestos, urros, silêncios, as impulsividades selvagens que brotam e explodem indomesticáveis. Fixação na existência vegetativa. É possível que aqui resida o reverso complementar da aspiração à imortalidade, presente na *liga comum* tecida entre a religião, a política, a psiquiatria e os intermináveis castigos. E Michel Foucault já alertara que aspirar alcançar à imortalidade é o auge do poder.<sup>2</sup> Entretanto, ainda que a análise de Foucault sobre o liberalismo e o neoliberalismo seja mordaz, ele se equivocou ao afirmar que “o lema do liberalismo [e do neoliberalismo] é viver perigosamente”<sup>3</sup>. O liberalismo e o neoliberalismo nunca foram atravessados pelo viver perigosamente. São alheios a uma cultura do perigo. Porque esta é selvagem e coincide com a vida, com a vida livre, e não com a gestão dos riscos, na qual a segurança é o parâmetro para as medidas e medições da liberdade.

**nota 2**

Em 2010, a *Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância*, produzida, no Canadá, pelo Centro de Excelência para o Desenvolvimento na Primeira Infância (CEDPI)<sup>4</sup>, da Universidade de Montreal, Quebec, e pela Rede Estratégica de Conhecimentos sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância (REC-DPI)<sup>5</sup>, ganhou sua tradução para o português<sup>6</sup>, por meio da parceria firmada no Brasil com a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (FMCSV)<sup>7</sup> e o Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass)<sup>8</sup>, com apoio do Banco Mundial<sup>9</sup>.

A tradução da enciclopédia e as parcerias envolvidas são um ínfimo detalhe que se desdobra em inúmeras replicações que trazem pistas para esta breve análise. O que se nota é que há uma relação recíproca atual de sustentabilidade de novas configurações de governos, que se estabelece a partir de um tríptico: desenvolvimento da primeira infância, desenvolvimento humano e promoção de capital humano.

O desenvolvimento da primeira infância, por sua vez, mostra-se simultaneamente como vértice de sustentação, alvo vital e vórtice para disseminação do escoamento distendido que encontra seu ponto de fixação na ideia de desenvolvimento humano e que forma e dá forma à gente como capital humano. Não é fortuito que o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID)<sup>10</sup> situe o conceito de desenvolvimento humano como meta sinonímia de promoção do capital humano, naquilo que ele denomina por “seu enfoque e seu papel de intervenção nos ciclos da vida”<sup>11</sup>, enfatizando três áreas estratégicas prioritárias: o desenvolvimento do capital humano; a gestão dos riscos; a pobreza e a inclusão social.



“As pessoas acumulam o capital humano ao longo da vida. O desenvolvimento de altos níveis de capital humano requer apoio em diversas áreas — começando com uma nutrição apropriada no útero e seguido de estimulação durante a primeira infância, a educação de alta qualidade, o apoio aos jovens em situação de risco para desenvolverem habilidades sócio emocionais, programas para facilitar a transição da escola para o trabalho, e a provisão da educação e da capacitação contínua para os trabalhadores (...).”<sup>12</sup>

A *Enciclopédia do Desenvolvimento na Primeira Infância* é formada, até o momento, por 47 temas dispostos em ordem alfabética que vão de A a V. O tema de abertura é “agressividade” e o último é “violência social”. Dentre os demais, sublinha-se na letra R a “resiliência”.

Interessa destacar, por ora, a atenção dada pela enciclopédia ao tema da agressividade a fim de sinalizar para as conexões imediatas que ela estabelece com a resiliência e a prevenção à violência social.

A agressividade, identificada já em bebês, é definida em três termos: “chutar, lutar e morder são uma preocupação importante para as sociedades modernas, uma vez que as consequências físicas, emocionais, cognitivas e sociais de atos violentos são graves, de largo alcance e de longo prazo.”<sup>13</sup>

Como se não bastasse, mais uma vez, deparar-se com a oportunista e falaciosa identificação entre agressividade e violência, o que esta construção de verdade faz funcionar é que chutar, lutar e morder, estes gestos tão de gente, tão de bicho, tão da vida livre em luta, são o conjunto inicial posto em suspeita para identificar o que tem de ser domesticado, contido e extirpado pela continuidade da prevenção geral redimensionada. Sua articulação com



Política, psiquiatria do desenvolvimento e resiliência...

a valorização atual crescente e contínua em torno da resiliência não é negligenciável.

Segundo a *Enciclopédia do Desenvolvimento na Primeira Infância*, “pesquisas sobre resiliência indicam que, durante a primeira infância, é importante que as crianças recebam cuidados de boa qualidade e tenham oportunidades de aprendizagem, nutrição adequada e apoio da comunidade para as famílias, facilitando o desenvolvimento positivo das capacidades cognitivas, bem como das habilidades sociais e de autorregulação. Crianças com relações de apego saudáveis e com bons recursos adaptativos naturais tendem a ter um bom início de vida, equipando-se com o capital humano e social que lhes permitirá ter sucesso ao ingressar na escola e na sociedade. Essas crianças geralmente manifestam resiliência face à adversidade enquanto suas habilidades fundamentais de proteção e seus relacionamentos continuam a funcionar e a se desenvolver. As maiores ameaças a crianças pequenas ocorrem quando os principais sistemas de proteção para o desenvolvimento humano são prejudicados ou descontinuados. Na primeira infância, é particularmente importante que as crianças tenham o sentimento de segurança garantido por laços de apego com cuidadores competentes e afetuosos, bem como a estimulação e a nutrição necessárias para o desenvolvimento saudável do cérebro, e oportunidades para aprender; que vivenciem o prazer de dominar novas habilidades, e que recebam do ambiente limites e estrutura indispensáveis para desenvolver o autocontrole.”<sup>14</sup>

O alvo de corte irradiador sobre o qual a resiliência investe deriva das devassas sobre os corpos de crianças e jovens e se espalha para inúmeros campos. E, mais uma vez, foram crianças e jovens que serviram de balão



de ensaio para reafirmar a grandiloquência do humano verdadeiro, por suas dignificações via *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (DUDH); para projetar o futuro da paz a partir da tolerância, que encontra sua inflexão similar de suportabilidade na resiliência acompanhada de cultura de paz; para oferecer ao conceito de desenvolvimento os contornos iniciais, de uma restaurada cara, que tráfegarão em suas construções posteriores de sustentação (suportabilidade, sustentabilidade) ao que passou a ser designado de desenvolvimento humano e desenvolvimento na primeira infância, voltados às melhorias do governo do vivo restaurado.

O tema “violência social” na *Enciclopédia do Desenvolvimento na Primeira Infância* aparece articulado a partir da questão da resiliência.

“É essencialmente importante para a prevenção e intervenção que as futuras pesquisas possam basear-se em estudos de resiliência (adaptação diante da adversidade) para destacar fatores individuais e contextuais que promovam ajustes em contextos violentos (...). Os efeitos da exposição à violência são particularmente problemáticos em crianças pequenas e as observações indicam que causam impacto adverso no desenvolvimento do cérebro (...). Além de níveis mais altos de comportamento agressivo, distúrbios psiquiátricos (...). A implementação de intervenções de prevenção precoce focadas em comportamentos de risco poderia ajudar a quebrar o ciclo de violência de muitos países que têm história pregressa de gerações que passaram por conflitos armados e pela formação de grupos criminosos, onde as iniciativas de retomada do controle público aplicadas não foram eficazes. É preciso enfatizar que, para que surjam mudanças na sociedade, precisamos implementar programas



Política, psiquiatria do desenvolvimento e resiliência...

de longo prazo baseados em políticas públicas amplamente abrangentes e que incluíam os grupos mais vulneráveis.”<sup>15</sup>

Foi a resiliência que, também, possibilitou a passagem ao deslocamento da situação de risco para a condição de vulnerabilidade, que exige mecanismos de proteção mais pela continuidade da vida do direito e dos direitos do que de gente de carne e osso.

Não é de espantar que *gente* se esfumace sob o conceito de dignidade da pessoa humana, conforme termo introduzido pela própria DUDH. Foi, enfim, pela resiliência em sua articulação com o conceito de qualidade de vida que se redimensionou a situação de risco em situação de vulnerabilidade (conceito sedimentado na década de 1990 e que entrou na América Latina a partir de pesquisa financiada pelo BID), explicitando de forma acabada o deslocamento dos direitos de minorias para a articulação de conjuntos de vulneráveis e direitos inacabados.

### nota 3

Uma das procedências das políticas públicas, como mostrou Foucault<sup>16</sup>, concomitantes a uma das vias do nascimento da medicina social, é encontrada em seus contrapontos histórico-políticos complementares à razão de Estado e à polícia-médica; os baixos começos da polícia são indissociáveis do que passou a ser denominado de políticas sociais e, no Brasil, políticas públicas. Seus deslocamentos e redimensionamentos atuais e as novas configurações que assumem hoje se conectam, também, a partir de intermináveis itinerários, fluidos e difusos, de novos arranjos epidemiológicos.



É curioso notar que uma brevíssima pesquisa sobre a atual psiquiatria do desenvolvimento, e sua ênfase na prevenção e na epidemiologia, apresenta correlações com autores voltados ao fortalecimento da resiliência e que também estão presentes em estudos, programas e práticas atravessados pelo conceito de “ecologia do desenvolvimento humano”, advindo de estudos sistêmicos, testados com crianças e jovens, do psicólogo russo, radicado nos EUA, Urie Bronfenbrenner<sup>17</sup>.

É possível que a epidemiologia hoje apresente novos contornos voláteis pela via do investimento na resiliência, e encontre sua consolidação na “Epidemiologia dos transtornos psiquiátricos do desenvolvimento” e na “Prevenção em psiquiatria da infância e da adolescência”.

A psiquiatria se renova e se restaura, também, por incursões das neurociências. Não há dúvida. E as formas políticas que isto adquire ficam cada vez mais definidas por meio dos contornos dilatados diante dos efeitos mínimos e dos grandes vultos almejados, dentre outros, pelo *Projeto Prevenção no Brasil*, em consonância com os 16 projetos multicêntricos do Instituto Nacional de Psiquiatria do Desenvolvimento (INPD)<sup>18</sup> instalados no país, envolvendo um amplo consórcio internacional com universidades estrangeiras, voltado a municiar um monumental aporte para mapeamentos e controles neuropsiquiátricos de crianças e jovens.

“Na verdade, é a primeira vez que o CNPq junta forças com as fundações estaduais de incentivo à pesquisa e oferece uma oportunidade de verba significativa para o desenvolvimento científico nos moldes do mercado europeu e dos EUA. São 16 projetos interconectados. Em cada pro-



Política, psiquiatria do desenvolvimento e resiliência...

jeto existe uma equipe grande e, para cada projeto, existem metas a serem cumpridas. Isso mostra uma mudança de ares do ponto de vista governamental no sentido de poder ter uma receptividade sobre a importância de investir em saúde mental de crianças e adolescentes.”<sup>19</sup>

Cabe arriscar, por ora, que um dos possíveis pontos de articulação dos novos arranjos epidemiológicos se conecta a partir de práticas derivadas de um investimento político cada vez mais intensificado em torno da resiliência. Na questão específica de crianças e jovens, eles assumem uma forma política a partir da psiquiatria do desenvolvimento, apresentando algumas de suas conexões com a “ecologia do desenvolvimento humano”, posteriormente redimensionada em “bioecologia do desenvolvimento humano”<sup>20</sup>.

Os novos arranjos epidemiológicos, simultaneamente, expandem campos resilientes pela multiplicação de controles dos chamados “transtornos externalizantes” em crianças e jovens, como os que orientam o INPD<sup>21</sup>, à denominada educação ambiental, também parametrada pelo conceito de “bioecologia do desenvolvimento”, passando pelas conexões entre monitoramentos em meio aberto, o recolhimento de crianças e jovens em abrigos e a manutenção de cárceres para jovens no Brasil, conjugada à sua conservação e proliferação restaurada.

#### nota 4

“Quem pede ‘políticas públicas’ pede polícia”, relembra Edson Passetti ao estancar as palavras e mostrar que elas não são neutras, são efeitos de lutas, em uma corajosa exposição abolicionista libertária, a favor do fim da



prisão para jovens no Brasil, na Vara da Infância e da Juventude, em 2008. Com destemor, ele enfrentava o que naquele momento se sedimentava em torno da enorme receptividade no país da justiça restaurativa como uma das mais novas “políticas públicas” para crianças e jovens com seus vínculos indissociáveis com a polícia, aprisionamentos e monitoramentos a céu aberto.<sup>22</sup>

E a polícia nunca esteve tão aí, e pronta a atender, cuidar e proteger sob a cara do psiquiatra, do médico, do pedagogo, do filósofo, do assistente social, do psicólogo, do neurocientista, do juiz, do advogado, do promotor, dos mediadores alternativos e restaurativos, ou da mocinha letrada de família abastada, ou da senhora carrancuda e carcomida, da grã-fina entediada, do executivo promissor repleto de responsabilidade social e ambiental, do militante wébico ou dos meninos e meninas das favelas e suas correrias intercaladas pela formação de algum programa de educação na escolinha mesmo ou à distância ou por algum projeto da comunidade, ou derivações traduzidas em metas de recuperação, reabilitação, pacificação. Tudo em nome da segurança, mais que isso, em *função* da segurança de cada um e de todos em cada ambiente consolidado. Reescrita, também, sob a designação da proliferação de direitos e da segurança cidadã.

E eis que, na esquina, meninos e meninas são solapados pelo acerto. E, na via de mão dupla, mais um vão que trafega ora no tribunal, ora no extermínio. Ora no abrigo, ora na prisão. Ora na liberdade assistida, ora na semiliberdade, ora nos CAPS, ora na prestação de serviço à comunidade, ora no manicômio ora na internação. E mais pra lá da esquina, outro vão. A desova. E tudo isso cultivado com muita saúde mental e qualidade de vida.

**nota 5**

Está-se diante, também, de novos efeitos da falácia da prevenção geral, equacionada agora pelo que vem sendo naturalizado, politicamente, como prevenção primária à “violência social” e suas imbricações com programas de segurança, articulados indissociavelmente às denominadas “estratégias de saúde”, onde ganha espaço de forma específica o conceito de *resiliência*. Avolumam-se neste início de século, de forma mais consolidada, programas, projetos, práticas ordinárias voltadas à formação de crianças resilientes, estabelecendo os contornos moldáveis e moduláveis como resposta conservadora aos chamados *atos antissociais*. Diante disto, interessa o incontível selvagem e indomesticável que cada criança e jovem diz e faz ao se recusar a dobrar-se àquilo que se convencionou chamar de humano, em suas variações de governo que trafegam par a par com o regime do castigo.

**“uma mordida de vida**

Ela está presa. Ela está grávida. Ela vai ter um filho. Um filho que vai ser arrancado de sua presença depois de nascer. Eles a levam a um hospital e a algemam durante o parto. Esta mulher, viva, em meio a contrações de seu útero, em meio à dilatação de seus quadris, em meio à distensão de sua vagina, em meio à corja que sustenta a continuidade das prisões, foi algemada sob a alegação de que mordeu a mão da carcereira que fazia sua escolta. Viva. Ela mordeu, sim, a maldita carcereira. E isto é muito mais e muito menos do que uma discussão de direito. E quem achar que uma mulher parindo tem de ser algemada, imobilizada, contida, que crie para si uma utopia tão sórdida quanto a crença nas prisões: uma máquina do tempo para a amarrar aquela que pariu. Ela mordeu, sim, a carcereira, a carniceira. Viva.”<sup>23</sup>



## nota 6

A vida vegetativa é uma designação própria ao vivo em relação com os ajustes ao ambiente; é próprio do organismo. Também designa estado terminal de paciente em que a consciência está suprimida, aguardando-se o esgotamento das funções vitais. Do ponto de vista social, a vida vegetativa de pessoas está relacionada ao modo como elas são mantidas em uma situação de resto de vida. Enfim, do ponto de vista biológico e ambiental, este vivo está relacionado às funções de homeostase, portanto, reduzido. Homeostase, equilíbrio perseguido pelo liberalismo e pelo neoliberalismo, decalcado da medicina para restabelecer estabilidades no mercado e mecanismos de auto-regulação. Foucault mostrara que a biopolítica, em seu exercício de regulação das populações, procura “fixar um equilíbrio, manter uma média, estabelecer uma espécie de homeostase, assegurar compensações; em suma (...) instalar mecanismos de previdência em torno desse aleatório que é inerente a uma população de seres vivos, (...) otimizar um estado de vida.”<sup>24</sup> No passado, pretendia-se manter populações em estado vegetativo por meio do abandono ou caridade. Hoje está mais sofisticado. Pretende-se um estado vegetativo a partir da resiliência e modos de governar as gentes a fim de que se mantenham aptas a ambientes que conformam as expectativas positivas do capital humano. A homeostase permanece inalterada pois a vida nada mais é que situação do organismo. O que eram força de trabalho e seus correlatos exércitos de reserva e miseráveis alçam à condição de aspirante a capital humano com seus correlativos exércitos de reserva de poder, ou seja, miseráveis contra si próprios, alçados à condição de cidadão policial de si e de cada um. Vida vegetativa e resiliência



Política, psiquiatria do desenvolvimento e resiliência...

formam o novo duplo que ajusta o governo das violências em *função* da segurança preventiva pela redução da agressividade. Nada a opor ao fato de que o homem é o único animal autodomesticável. A vida é de queimar as questões.

## Notas

<sup>1</sup> Este texto foi apresentado no VII Colóquio Internacional *Michel Foucault e os saberes do homem: como, na orla do mar, um rosto de areia*, organizado por Heliana Conde e Vera Portocarrero, realizado no Rio de Janeiro, na UERJ, de 22 a 25 outubro de 2013.

<sup>2</sup> Michel Foucault. “Conversa o sem complexos com um fil6sofo que analisa as ‘estruturas de poder’” in Manoel Barros da Motta (org.). *Ditos e Escritos IV. Estrat6gia, poder-saber*. Tradu o de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro, Forense Universit6ria, 2003, p. 310.

<sup>3</sup> Michel Foucault. *Nascimento da biopol6tica*. Tradu o de Eduardo Brand6o. S6o Paulo, Martins Fontes, 2009, p. 90.

<sup>4</sup> Dispon6vel em: <http://www.excellence-earlychildhood.ca/home.asp?lang=EN> (acesso em: 10/02/2016).

<sup>5</sup> Dispon6vel em: <http://www.sk-ced.ca/home.html> (acesso em: 10/02/2016).

<sup>6</sup> Dispon6vel em: <http://www.encyclopedia-crianca.com/pt-pt/inicio.html> (acesso em: 10/02/2016).

<sup>7</sup> Dispon6vel em: <http://www.fmcsv.org.br> (acesso em: 10/02/2016).

<sup>8</sup> Dispon6vel em: <http://www.conass.org.br> (acesso em: 10/02/2016).

<sup>9</sup> Dispon6vel em: <http://www.worldbank.org/pt/country/brazil> (acesso em: 10/02/2016)

<sup>10</sup> Dispon6vel em: <http://www.iadb.org/> (acesso em: 10/02/2016).

<sup>11</sup> BID. “Promoci6n del capital humano” in *Desarrollo Humano*. Dispon6vel em: <http://www.iadb.org/es/temas/desarrollo-humano/el-bid-y-el-desarrollo-humano,4258.html#.UmPi2xDJr3A> (acesso em: 10/04/2016). Ver tamb6m: Mary Eming Young (org.). *Do desenvolvimento da primeira*



*infância ao desenvolvimento humano: investindo no futuro de nossas crianças.* Tradução de Magda Lopes. São Paulo, Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2010. Disponível em: <http://www.fmcsv.org.br/Pt-br/acervodigital/desenvolvimentodaprimeirainfancia/Paginas/Livro---Do-Desenvolvimento-da-Primeira-Inf%C3%A2ncia-ao-Desenvolvimento-Humano.aspx> (acesso em: 10/02/2016); Mary Eming Young (org.). *Desenvolvimento da Primeira Infância, da Avaliação à Ação – uma prioridade para o crescimento e a equidade.* Tradução de Magda Lopes. São Paulo, Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2010. Disponível em: <http://www.fmcsv.org.br/Pt-br/acervodigital/desenvolvimentodaprimeirainfancia/Paginas/Livro---Desenvolvimento-da-Primeira-Inf%C3%A2ncia-%E2%80%93-da-Avalia%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-A%C3%A7%C3%A3o.aspx> (acesso em: 10/02/2016). Ambas as publicações foram editadas originalmente em inglês pelo Banco Mundial, respectivamente em 2002 e 2007, quando a pediatra Mary Young era a responsável pelos Programas de Primeira Infância da instituição.

<sup>12</sup> BID. “El desarrollo del capital humano” in *Desarrollo humano*. Disponível em: <http://www.iadb.org/es/temas/desarrollo-humano/el-bid-y-el-desarrollo-del-capital-humano,4707.html#.UmQflhDJr3A> (acesso em: 14/02/2016).

<sup>13</sup> Debra J. Pepler. “Apoiando crianças pequenas e suas famílias na redução da agressividade. Comentários sobre Webster-Stratton, Domitrovich e Greenberg, e Lochman” in Richard E. Tremblay; Ronald Graham Barr; Ray D. Peters; Michel Boivin (eds.). *Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância* [on-line]. Montreal, Quebec, Centre of Excellence for Early Childhood Development, 2010, pp. 1-5. Disponível em: <http://www.encyclopedia-crianca.com/sites/default/files/textes-experts/pt-pt/2088/apoiando-criancas-pequenas-e-suas-familias-na-reducao-da-agressividade.-comentarios-sobre-webster-stratton-domitrovich-e-greenberg-e-lochman.pdf> (acesso em: 20/02/2016).

<sup>14</sup> Tuppett Marie F. Yates. “Resiliência nos primeiros anos de vida e seu impacto sobre o desenvolvimento da criança: Comentários sobre Luthar e Sameroff” in Richard E. Tremblay; Ronald Graham Barr; Ray D. Peters; Michel Boivin (eds.). *Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância* [on-line]. Montreal, Quebec, Centre of Excellence for Early Childhood Development, 2006 pp. 1-5. Disponível em: <http://www.encyclopedia-crianca.com/sites/default/files/textes-experts/pt-pt/2343/resiliencia-nos-primeiros-anos-de-vida-e-seu-impacto-sobre->



Política, psiquiatria do desenvolvimento e resiliência...

o-desenvolvimento-da-crianca-comentarios-sobre-luthar-e-sameroff.pdf  
(acesso em: 12/02/2016).

<sup>15</sup> Fernando P. Cupertino de Barros; Nereu Henrique Mansano; Alessandra Schneider. “A promoção da primeira infância como estratégia de prevenção à violência” in Richard E. Tremblay; Ronald Graham Barr; Ray D. Peters; Michel Boivin (eds.). *Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância* [on-line]. Montreal/Quebec, Centre of Excellence for Early Childhood Development e Strategic Knowledge Cluster on Early Child Development, 2011, pp. 1–8. Disponível em: <http://www.encyclopedia-crianca.com/sites/default/files/textes-experts/pt-pt/2676/a-promocao-da-primeira-infancia-como-estrategia-de-prevencao-a-violencia-.pdf> (acesso em: 15/02/2016).

<sup>16</sup> Michel Foucault. *La vida de los hombres infames*. Tradução de Julia Varela e Fernando Álvares Uría. Madri, Ediciones la Piqueta, 1990; Michel Foucault, 2009, op. cit.

<sup>17</sup> Urie Bronfenbrenner. *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Tradução de M. A. Veronese. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

<sup>18</sup> Disponível em: <http://inpd.org.br/> (acesso em: 1/03/2016).

<sup>19</sup> Luis Augusto Rohde et ali. “Entrevista” in *Debates: psiquiatria hoje*. São Paulo, Associação Brasileira de Psiquiatria, v. 1, n. 1, 2009, p. 19.

<sup>20</sup> Silvia Helena Koller (org.). *Ecologia do Desenvolvimento Humano: pesquisa e intervenção no Brasil*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004; Maria Angela Mattar Yunes e Maria Cristina Juliano. “A bioecologia do desenvolvimento humano” in *Cadernos de educação*. Pelotas, FaE/PPGE/UFPel, n. 37, setembro/dezembro 2010, pp. 347–379.

<sup>21</sup> Eurípedes Constantino Miguel Filho (Coordenador) e Luis Augusto Rohde (Vice-coordenador). *Projeto para a criação do Instituto Nacional de Psiquiatria do Desenvolvimento: uma nova abordagem para a psiquiatria tendo como foco as nossas crianças e o futuro*. Institutos de Ciência e Tecnologia & Inovação do CNPq, 2008; Gilherme Vanoni Polanczyk, e Maria Tereza Martins Ramos Lamberte. *Psiquiatria da infância e adolescência*. Barueri, Editora Manole, 2012; Vídeo Institucional do Instituto Nacional de Psiquiatria do Desenvolvimento. Disponível em: <http://inpd.org.br/videos/> (acesso em: 21/02/2016).



<sup>22</sup> Edson Passetti. “Loucura e transtornos: políticas normalizadoras” in *Revista Eopolítica*. São Paulo, Nu-Sol, n. 2, 2012; Edson Passetti. “Ensaio sobre um abolicionismo penal” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 9, 2006, pp. 83–114; Edson Passetti. “Segurança, confiança e tolerância: comandos na sociedade de controle” in *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, Fundação SEADE, v. 18, n. 1, 2004, pp. 151–160.

<sup>23</sup> Nu-Sol. “uma mordida de vida” in *Flecheira libertária 234*. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/flecheira/pdf/flecheira234.pdf> (acesso em: 10/02/2016).

<sup>24</sup> Michel Foucault. *Em defesa da sociedade*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo, Martins Fontes, 1999, p. 293.

### Resumo

*O artigo são notas sobre a resiliência como inibidor de resistências e a psiquiatria do desenvolvimento como investimento em capital humano em crianças para a formação de sujeitos resilientes. Diante dessas práticas e saberes, a afirmação da vida emerge nas fissuras como práticas de resistências.*

*Palavras-chave: resistências, psiquiatria do desenvolvimento, primeira infância.*

### Abstract

*The article gathers notes on the resilience as an inhibitor of resistances and on the psychiatry of development as an investment in human capital toward children in order to produce resilient subjects. In such a context, the affirmation of life stands in between the rifts as practices of resistance.*

*Keyword: resistances, psychiatry of development, resilience.*

***Politics, psychiatry of development, and resilience: brief rifts in notes to abolish the punishment, Salete Oliveira.***  
*Recebido em 10 de março de 2016. Confirmado para publicação em 15 de abril de 2016.*